

# ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

REDACTOR (Em Lisboa)  
Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Fermentelos, Eixo, O. do Gato, Bonsucesso, Esgueira, Mataduchos, Avancá, Estarreja, Canelas e Angeja.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem.  
Danton

ASSINATURA		Proprietário-Director e Administrador	Redactor e Editor	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Ano, série de 50 números	20\$00	<b>José Marques Damião</b>	<b>Antonio da Costa Pinto</b>	Rua da Paz—QUINTÃ DE LOUREIRO (CACIA)
Semestre, série de 25 números	10\$00	Filiado no SINDICATO NACIONAL DA IMPRENSA PORTUGUESA!!	O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO	Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
Estrangeiro, ano 50 números	30\$00			
Brazil e Colonias	30\$00			

## Nós e o "Ecos de Cacia"

Quando iniciámos a publicação deste modesto periódico, que há 15 anos não via a luz da publicidade pelo facto de ter faltado o seu fundador, de quem hoje mais uma vez nos recordamos e com devida venia prestamos homenagem, sabíamos de antemão e por experiência própria que havíamos de tropeçar em grandes obstáculos morais e materiais, para levar de vencida o nosso propósito visto que, em regra, num país como o nosso, onde o analfabetismo atinge uma cifra bastante elevada, a Imprensa, a pequena Imprensa sobretudo, tem uma vida efémera.

E quando essa Imprensa se reveste estruturalmente de uma finalidade prática, como sucede com este jornal, é tanto pior, porque só á custa de muitos esforços, de muita força de sacrificios, de muita luta e persistencia, se logra alcançar ambiente para uma vida um pouco desafogada, ao contrario do que sucede no estrangeiro, mormente nos países do norte e centro da Europa e da America, onde na generalidade o operário, o técnico, o industrial, têm uma cultura sólida e, onde, portanto, a Imprensa desta especie é acarinhada e mantida, como elemento util que é, na difusão e educação, na informação e na publicidade.

Dito isto, como prólogo, apraz-nos, todavia, declarar que embora de começo se nos fizesse indiferença e algum manifesto desdém, á parte interpretações erradas, sobre os nossos fins, o que é certo é que com a boa vontade de que desde sempre temos empregado, e o conceito de que o nosso jornal já hoje despois, aqui vamos seguindo o nosso programa incetado.

Todos os colaboradores do "ECOS DE CACIA" tem nelé um baluarte para a defesa dos seus direitos e um companheiro, um colaborador, nos seus trabalhos e empresas.

Sabemos que a apologia da nossa obra, feita por nós proprios, não só lhes tira qualquer mérito que porventura encerre, mas revela ainda uma escassez de sensibilidade.

Por esse e outros factos, deixámos os nossos algôzes em campo livre.

J. M. Damião.

## O sr. Conselheiro Dr. Nunes da Silva

o e nosso aniversario



Dr. Manuel Nunes da Silva

Desenho de AMILCAR TORRES  
Gravação em madeira de A. Fernandes.

Dá-nos hoje a honra da sua colaboração valiosa este nosso illustre conterraneo.

Como valor para Cacia, o nosso jornal não tem grandes peritências. No entanto faremos tudo quanto estêja ao nosso alcance, para engrandecimento da nossa terra. E, naturalmente por assim sêr, sua Ex.<sup>a</sup> não quiz deixar passar despercebido este dia, que, para todo o Caciense que se prese, deve ser um dia de alguma satisfação. E assim, gostosamente publicamos um bocadinho da sua para nós muito agradável prosa, que muito apreciamos, desejando que continue a honrar-nos, sempre que assim o entenda. As columnas deste semanario, estão sempre ao seu dispôr.

Os nossos agradecimentos pois.

A REDACÇÃO.

## No fim de dois anos

Mais uma "étape" no seu raid grandioso, atingiu o "Ecos de Cacia".

Sem desfalecimentos, antes com um impulso muito digno de registo, o "Ecos de Cacia" tem calcado os espinhos que sempre brótam no meio Jornalístico, muito principalmente quando esse meio se torna pequeno, apesar dos grandes interesses regionais a defender.

Ei-lo que rompe triunfante no seu 3.º ano da sua publicação, levando a todos os leitores as noticias da sua terra, qual mensageiro de paz, ordem e progresso.

Muito tem feito já, e muito tem a fazer. Mas que todos compreendam o alto valor do

## Glorioso Mensageiro

Ao entrar no seu 3.º anniversário o "Ecos de Cacia", venho como simples correspondente de um jornal de provincia saudar o seu inteligente Director, pela forma criteriosa como sabe dirigir este orgão defensor dos interesses da região, e da sua doutrina do dever e da moral.

O que vem a sêr um semanário como o "Ecos de Cacia"?

Um mensageiro que do torrão natal da nossa Pátria vai até distantes terras do estrangeiro, assim como para diversos pontos do País levar ao conhecimento de muitos Cacienses e de outros da região, o que por a sua terra se vai passando, servindo-lhe de limitivo aos seus padecimentos espirituais.

Um semanario que tem por lema o bem servir a sua terra só pode ser considerado como um grande benemerito.

É realmente o "Ecos de Cacia" um semanario digno do aplauso geral de todos quantos o podem lêr.

Pode o seu inteligente Director orgulhar-se da forma brilhante como o seu jornal é redigido porque sendo como é, de uma pequena terra de provincia, rivaliza com todos os seus congeneres semanários.

Ilustre director, são para si, estas palavras que me desculpará o não ter aquele tom brilhante que se devia adicionar, mas que o meu pobre espirito não tem para isso competencia.

Sr. Damião, dirigo-lhe directamente os meus sinceros parabens, por mais um ano que o seu jornal trilha no caminho do dever, e da justiça.

Felicito igualmente todo o pessoal de redacção, colaboradores e correspondentes, e, faço votos para que todos se irmanem, para que lutem sem desanimo, por esta causa tão altruista.

Orgulhar-nos-hemos todos os que pela causa do jornalismo lutam para bem e propaganda desta tão linda região da Beira-Mar, principalmente os que para este semanário trabalham, de o fazermos engrandecer o mais possivel para que continue marcando cada vez mais um lugar de destaque, dentro da Pequena Imprensa, deste nosso tão querido Portugal, continuando a sêr um leal mensageiro.

São estes os meus desejos mais sinceros.

Pinho.

sacrificio dos que dirigem um jornal que, como o "Ecos", integrado no programa da boa Imprensa, se torna um forte baluarte em defesa da Civilização da sua terra.

Daqui do Porto envio um abraço de união a todos os que trabalham no "Ecos", com as minhas saudações ao seu Director, o meu amigo sr. Marques Damião.

Porto, Julho de 1932.

Carlos Alberto Reis.

## Mais um ano

Mais um ano de publicidade para os "Ecos de Cacia".  
Dois anos de vida constante. Os esforços e as canceiras empregados para cumprir a missão



J. J. NUNES DA SILVA

Croquis de FAUSTO ANTUNES  
Gravação em madeira de A. Fernandes.

da imprensa provinciana são importantes no momento que atravessamos.

Fazer hoje um jornal, mesmo tão simples como o nosso, é preciso uma forte vontade e um claro espirito persistente, para que o barco siga rumo certo no convulso mar das paixões e das questiuiculas.

A Imprensa desempenha um papel de destaque nas sociedades evolutivas; tem mesmo o seu lugar marcado, porque é pendão anunciador de luzes para o avanço dos povos. É o porta-voz que defende e reclama. É a tribuna dos sagrados interesses dos humildes e dos oprimidos. É o clarão sentilante do Pensamento.

\*\*\*

Os "Ecos de Cacia", semanario pobre, é todavia um jornal que vem dedicando com amor toda a sua existência em prol do bem estar das populações da importante região do Vouga, ora ventilando assuntos relativos á vida regionalista, ora acarinhando iniciativas de interesse nacional, sempre alheio a seitas ou partidos, visto que a sua divisa é independencia.

Deliniou um programa e tem sabido patrioticamente cumpri-lo.

Tem, é certo, recebido por isso as mais cativantes provas de solidariedade de muitos nossos conterraneos e de tantos outros portugueses que simpatisam com as doutrinas que sincera e entusiasticamente expande.

Mas, na parte financeira, o "Ecos de Cacia" sofre como todas as empresas jornalísticas, porque vive dos seus proprios recursos e o resultado não tem sido

## Salvé 1-8-932

Neste mumento, venho abraçar o meu prezado amigo José Marques Damião, Director do "Ecos de Cacia".

Porque, me lemdro de que o seu consuetudo jorna conta hoje no caminho da umbradêz, mais um ano da sua existência.

Evocando ao seu Director de que este aniversario se repita por largos anos, para defeza da nossa querida terra, e terras limitrofes.

OVAR 28-7-932.

Manuel Rodrigues Gomes.

cabalmente satisfatorio para que se lhe introduzam melhoramentos que o reformem e o façam um jornal moderno, um jornal com mais larga informação.

Porém, nada de desânimos. Havemos de continuar lutando com o mesmo ardôr e, talvez, que o futuro lhe reserve melhor lugar no concerto do progresso.

Nesta boa cruzada temos a ajudar-nos homens activos e inteligentes, que no jornalismo são valores considerados, e que aos "Ecos" dedicam os melhores carinhos, sempre prontos a trabalharem desinteressadamente. Para esses vai um grande abraço de amizade pela data que festejamos, por este dia que fazemos gravado no mármore do nosso coração, visto que a nossa pequena obra ha-de bem servir para a grandeza da terra que nos foi berço, ha-de ser um forte incitamento para os vindouros que desejem amar e defender este fértil e soberbo rincão patrio.

Recordemos, tambem, neste dia o saudoso fundador do nosso jornal J. J. Nunes da Silva, que, como homem do povo para o povo trabalhou, alheio a mercantilismos vis e que por isso era possuidor de uma nobreza de caracter. Sobre a sua memoria desfolhamos com respeito as pétalas de uma saudade eterna.

É a todos os colaboradores, assinantes, anunciantes e amigos enviamos os nossos agradecimentos pelo auxilio que tem vindo dispensando aos "Ecos de Cacia", e exalá que esse auxilio se fortifique para bem cumprirmos a nossa jornada.

José Marques Damião.

O "Ecos de Cacia" prove todos os seus amigos, leitores, assinantes e colaboradores de que só precisa mais um assinante.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.



# O Aniversário do "Ecos de Cacia"

Duas palavras apenas

Com o presente numero, comemorou o *Ecos de Cacia* o seu segundo aniversario.

Ao entrar portanto no terceiro ano da sua existencia, apresento a todo o seu corpo redactorial, os meus mais vivos e sinceros votos de solidariedade, entrelaçado nas mais efusivas saudações.

Dois anos de jornalismo, mesmo que pouco pareça, apresenta já um grande esforço moral e material, e demais a uma folha da provincia que se publica na aldeia, onde tantas vezes os grandes esforços e os multiplos beneficios, infelizmente não são compreendidos.

O *Ecos de Cacia*, que tanto tem progredido, conta já hoje na pléiade dos seus colaboradores, nomes dos mais illustres no jornalismo portuguez.

Neste curto prazo de tempo ele tornou-se credor da simpatia do publico, porque tendo enveredado pelo melhor caminho, tem seguido uma carreira brilhante de que tem dado sobejas provas.

A imprensa etinologicamente, significa uma das grandes actividades humanas, incontestavelmente das mais importantes. E quando elas honesta, quando nela trabalham pessoas de carater tendo a compreensão nitida dos seus deveres ela é a formidavel alavanca do progresso, desfazendo vitoriosamente todas contrariedades, e desempenhando um papel preponderante na educação dos povos. E quando é este o objectivo dum jornal nem que seja dos mais modestos d'aldeia, ele vence aprumado todos os obstaculos que se oporem no caminho, e tem por fim progredido; mas se serve de armar traiçoeiramente alguém, então descarrila da sua marcha, cai no descredito e morre.

O uso da imprensa é antiquissimo, tanto no Oriente como no Ocidente. Os gregos tinham as suas Epheméridas; os romanos os seus Annaes e num Diarium, apontavam os factos notaveis de cada dia. Veio depois a imprensa, e em 1563 publicava-se em Veneza as *Notizie scritte* que era pago com uma Gazeta, pequena moeda, que deu depois o nome aos jornais. Em 1631 começou a publicar-se em França a *Gazette de France*. Em Portugal foi em 1715 que se começou a publicar a Gazeta. No entanto, ainda há coisa de meio seculo as Gazetas em Portugal eram varas, até mesmo nos nossos maiores centros Lisboa e Porto. Hoje são numero incalculavel. Não há cidade ou vila que não publique a sua Gazeta, de variado aspecto e feitio, do sabor de que eu os dirije.

Já nas aldeias elas nos surgem, indo Cacia, na vanguarda de todas.

É hoje sem duvida alguma, maneira mais rapida de levar a toda a parte, até á mais pequenina aldeia qualquer noticia.

E já todos a esperam impacientes para satisfazerem a sua curiosidade de saber o que vai, o que se pensa e diz.

Mas o que hoje mais temos a lamentar, não é a falta de jornais, mas sim a de bons jornais, que se mantenham no caminho do dever para com a Patria, e se preservem do contagio do mal.

Há jornais que devido a sua furiosa politica contariam tantas as vezes obras importantes!!!

Não nos deixemos levar por promessas, olhemos para o que está feio, porque os promeffimentos já mais se tornariam em factos se não alvorece-se o novo esplendor daquela radiosa data historica de 28 de Maio, em que a Ditadura Nacional veio resolver os compromissos.

A Ditadura surgiu no momento em que tudo ameaçava afundar-se, e veio pôr cobro aos desmandos verificados para vergonha de todos nós. Isto não é fazer estímulo caro leitor isto são factos dos nossos dias. E contra factos não há argumentos: pela nossa parte assim o entendemos.

E esta é que é a verdadeira politica, que põe acima de tudo os interesses da Nação, E todos os jornais que a defendem é que são os bons jornais.

Pois bem, o *Ecos de Cacia* preza-se de ter cumprido o programa dos bons jornais, e estamos certos que ele saberá continuar a honrar-se e a honrar a Nação Portuguesa.

E essa esperança—deixai-me dizer um pleonasm—vive em mim cada vez mais viva.

No dia portanto do segundo aniversario do *Ecos de Cacia*, termino este meu singelo artigo com as seguintes palavras Ad multos anno.

Bonsucesso Julho de 1932

Mario de Matos.

## Meu caro Damião

Neste momento de rigoroso para si e para o *Ecos*, vanho, flicitato pelo muito trabalho e esforços, que tem empregado para que este semanario empregado bem longe as noticias da nossa terra e da circunvizinhas a todos os conterrâneos que se encontram por ali fóra grangecendo para a passagem da vida; por isso, muitos parabens, pelas noticias de mais 52 semanas passadas com ardente trabalho para assim cumprir uma missão de que meteu ombros sendo um dever de todos nós ajuda-lo para que de hoje a 52 semanas se diga assim: por mais um ano de iexistencia parabens o *Ecos de Cacia*.

Cacia 1-8-1032

António Marques da Cunha.

Salvé 1 do 8 - 1932

Nestas alturas da vida, que sinto caminhar para o horisonte a passos de gigante, ao ver amortecidas todas as aspirações de carater pessoal ou individual, uma dupla ambição hoje me é grata e posso alinhar, qual a do bem estar dos que na vida me são mais caros e a das prosperidades da minha terra natal.

Reconhecendo que nada valho, desejaria muito poder valer, a fim de pôr todos os meus esforços e modesto valimento em defeza dos meus queridos conterrâneos e do engrandecimento da terra em que nasci.

Mas já que assim não posso ser, consola-me, ao menos, o reconhecimento de que atraz de mim vem surgindo uma nova geração de gente moça e decidida, em quem sobeja o valimento e boa vontade para novos empreendimentos, como exuberantemente o tem já demonstrado, dando, por tal forma, valioso testemunho do muito mais que d'ela é licito esperar.

E para tão benefica missão é justo reconhecer que muito tem contribuido e ha-de contribuir a imprensa local, que não pode deixar de merecer a nossa sympathia e a de quantos se interessam pelo bem d'esta encantadora região, uma vez que se mantenha no plano elevado e nobre que lhe é dictado pelo escrupuloso cumprimento do seu dever e pela exacta comprehensão da gloriosa tarefa a que se propõe.

É n'esta conformidade que eu saúdo «Os Echos de Cacia», felicitando-o e ao seu digno Director e ainda a todos os seus estimaveis colaboradores, pelo seu segundo aniversario, fazendo votos, os mais sinceros e fervorosos, pela sua larga existencia e pelas suas prosperidades, não só para bem e no interesse da sua Empresa, como ainda para bem da nossa terra, á qual já tem prestado e de certo ha-de continuar a prestar os mais relevantes beneficios, propugnando e defendendo os seus mais legitimos interesses e os mais justos e necessarios melhoramentos.

N. S.

## O Meu Postal

Um ano mais para a cruzada deste semanario.

Mais um verão que floresce e morre com as illusões da vida, deixando a rolar na caminhada a folhagem das pugnas da verdade.

A vida de um jornal é o esforço sacrosanto do homem:—é a estampa do Pensamento, o fulgor da intelligencia!

Quantas amargas recompensas recebe a pena que docemente escreve!...

Quantos ódios do homem para homem só porque uma verdade veio á luz da publicidade ou se sustentou briosamente uma opinião consciencial!...

Siga os Ecos de Cacia a rotina da independencia com os nossos melhores e sinceros votos para que, dia a dia, progrida em prol do desenvolvimento da formosa região do Vouga—onde a poesia é noiva e a fertilidade riqueza.

E a toda a redacção, onde conto amigos da «velha-guarda», envio um fraterno abraço pelo seu 2º aniversario do nosso querido Ecos.

João da Beira-Mar.

# AVANTE!

Pedem-me algumas palavras para o «Ecos de Cacia» por motivo do seu aniversario. E faltaria eu a um dos meus mais devotados devêres se não fosse ao encontro dos desejos de quem pediu a minha humilde colaboração para este numero que marca mais uma etapa brilhante na vida deste honrado paladino de progresso de Cacia, tão formosa e cheia de honrosas tradições.

Queria eu ter neste momento palavras que fossem pelo seu entusiasmo falar ao coração do seu entusiasmo digno Director, sr. José Marques Damião, que desde o seu primeiro numero o vem dirigindo com tanta proficiencia, e dizer-lhe para que prossiga na empreza a que meteu ombros fundando o «Ecos de Cacia» para pugnar pelos interesses da sua linda terra.

A Patria precisa de paladinos como este para o seu engrandecimento e progresso, pois agora mais do que nunca, ela carece de quem regue aos quatro vento que é necessario que todos os portugueses se unam em volta da bandeira sagrada da Patria esquecendo ódios politicos e pessoais para só sentirmos bem dentro de nós, dentro do nosso coração, o altar bendito do nosso Portugal, pois que o momento é grave para os povos que querem viver livres e com ordem.

O panorama internacional é ameaçador, devido á terrivel crise que se atravessa e que é difficil aos homens resolvê-la de um momento para o outro, pois é necessario muito esforço e muito estudo para se modificar o aspecto da crise que assola o mundo inteiro e é por esse facto que eu afirmo nesta hora gravissima para todos os povos, e muito especialmente para o nosso, que são necessários órgãos como o «Ecos de Cacia» para que proclame alto e bom som que é preciso que todos os portugueses se mantenham unidos e disciplinados ante o momento difficil que se atravessa presentemente.

O «Ecos de Cacia» tem toda a minha simpatia pela conduta que vem trilhando desde o seu primeiro numero, o que lhe dá o direito de enfileirar entre os melhores

periodicos da provincia.

A imprensa é hoje um dos braços fortes da Nação, e quando ela não obedece a qualquer seita politica para só se entregar á defesa dos legitimos interesses da sua terra, deve merecer de todos os seus conterrâneos o apoio moral e material, pois é para seu beneficio que essa imprensa vive, e está nesse plano o brilhante «Ecos de Cacia», que há 2 anos vem tendo uma vida independente para só se manifestar a favor das justas pretensões da linda terra que lhe deu o nome.

Só assim se compreende a missão da imprensa provincial que vive em tão dificeis condições e mais difficil lhe será continuar a sua missão valiosa se lhe faltar o concurso amigo dos filhos das regiões em que esses jornais se publicam.

Por isso eu faço daqui um apêlo entusiastico a todos os filhos de Cacia para que dispensem todo o seu carinho a quem tão bem defende o bem estar desta linda terra.

Dirigir um jornal, não é das coisas melhores porque sempre encontram mais vontades que procurao por todos os meios criar obstaculos a quem mete ombros a uma tal empreza, obstaculos esses que se vencem facilmente, graças á escrupulosa boa vontade de quem tem somente o pensamento no dever de bem cumprir, e nesse caso está o digno Director deste pioneiro do bem, sr. José Marques Damião, que com tão acrisolado amor e carinho o vem dirigindo e a quem a terra onde vê a luz da publicidade já deve relevantes serviços.

Avante!!

Sem de-falecimentos nem canceiras, lutand sempre pelo bem estar do povo e pelas suas mais justas aspirações, que são tudo quanto de mais um ano lhe seja devido.

Para a frente é que é o caminho, e ele é bem difficil de percorrer, mas com a vontade ferrea de quem dirige o «Ecos de Cacia» tudo é possivel, ainda que com grande sacrificio.

Avante!!

Joaquim Correia de Matos.

## Um ano a mais!!

Na vida dos jornais, por cada ano que passa, conta-se mais uma jornada que se palminhou. E, conseqüentemente, um ano



Augusto de Carvalho

Gravação em madeira A. FERNANDES

a mais na vida dos periodicos, representa uma soma muito grande de canceiras de toda a ordem, as quais, sabendo que existem, nem eu sei enumerar.—

Pois o «Ecos» teve a dita de levar a bom termo a sua segunda jornada, e, com certeza, as tais canceiras devem ter-lhe aparecido pela frente, e muito a miudo.

E á medida que elas aparecem,

tem de se lhe ir dando solução.

A's vezes, com que arrelas!! Mas... se tem de ser! Como nem tudo no mundo são rosas...

Dá-se tambem o caso de, algumas vezes, uma alegria, uma satisfação intima, indmgnisar as pessoas que, ás suas costas, arrostam com essas canceiras.

Então, sim. Esse momento, esse instante, é o sufficiente para de certa maneira, consolar aliviar, e até, porque não dizê-lo? ser motivo de «orgulho» para essas pessoas saber enfrentar essas canceiras, e poder vence-las.

O «Ecos», exatamente como o homem em face da civilização, caminha de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, até atingir o limite maximo das suas possibilidades.

Nunca se julgará «perfeito», e só por uma razão fortissima: é que, sendo dirigido por homens, está para aparecer o primeiro que, como tal se julgue; isto é: PERFEITO.

Sempre em frente, é, e continuará a ser o seu lema.

Caminhar para a LUZ, é o seu aneio, o seu anheio.

Auxiliemo-lo pois nessa sua vontade, como é obrigação de, CACIENSES, OU NÃO CACIENSES.

E' o que eu faço, enviando ao seu director, junto aeste pequeno e desprezencioso trabalho, um grande abraço de amigo, e os respectivos parabens pelo dia que acaba de passar.

Avante! Avante.

Argus.



# AVANCA

INEDITO PARA O "ECOS DE CACIA"

Terra buliçosa, algemada entre a ria de Aveiro e as estensas campinas que a adormam, é hoje uma vila cheia de recortes etéricos, advindos dos vislumbres sonhadores dos homens e da Natureza encantadora, cuja pulcritude adorável se projecta sobre o seu solo.

Quem a conheceu á cinco ou seis anos, tem-lhe agora a notar grande diferença, porque o seu aspécto fisionómico, vem desde essa data metamorfosando-se a pouco e pouco.

Foram-lhe introduzidos certos melhoramentos que desde á muito se tornavam necessários, e sofreu a ampliação de outros; foi dotada d'uma estação de caminho de ferro; a industria, especialmente as do leite, da manteiga e dos moveis de ferro, auferiram-lhes um nome pouco vulgar nos meios comerciais para a industria nacional e alcançaram-lhes os mais retumbantes triunfos em todas as exposições a que comcoerem.

Já pela sua situação geográfica, já pela excelencia dos meios de comunicação, bem merece ser visitada por todos quantos a desconhecem.

Neste pequeno recanto beirão, nunca pondo de parte o roble, a oliveira e tantas outras arvores, existe de tudo um pouco, quanto a Natureza criou na grande orbe, debaixo do seu veu Celestino, desde o regato, a colina, a charnéca, o val, em suma então os seus detalhes tão simetricamente repartidos, que percorridos todos os pontos que os compõem decerto não há mácula a registar.

Quem visita esta terra, ainda que ociosos das grandes cidades cosmopolitas, por certo coloca jamais de lado a sua imagem tão sedutora aos olhos ávidos de panoramas surpreendente, tão duradoura nos corações idolatras.

Terra laboriosa, onde a agricultura tem assentados seus arraiais, move-se aqui com suavidade, com frescura, com enlevo.

O calor assetinado do sol que tão bem tempera o clima desta região,—o reflexo fulvo amarelo da lua, ou os chuvas suaves, ou ainda a brisa meiga, são o sangue das suas veias, a amenidade do seu semblante.

As estações do ano não passam sem serem entrecortadas de factos que a tradição nunca olvidou:— a primavera, romantica, verdejante, cheia de flores, ressalta dela os dias de abril e maio, onde a trivial pascoa e os lindos e tradicionais «maios» tão confeccionadamente feitos pelas mãos delicadas das raparigas, são galhardamente comemorados nesta terra; o verão um pouco mais melancólico na sua fisio-

nomia, mas também recortado de atrativos, como sejam as festas e romarias, onde se destacam pelo garbo as de S. Antonio, S. João e Santa Marinha, tráz até nós milhares de forasteiros de todos os pontos do paiz; que encontram sempre a boa hospitalidade; quadra de frutas, tempo em que o lavrador enche o celeiro e aumenta os seus capitais, vem acompanhado pelo som harmonioso e circunsonante da viola, da guitarra, da concertina, e pelas lindas e desanuviadas vozes femininas, que no bulicio das esfolhadas do milho presenteiam os circunstantes; o inverno de dias mais agrestes, uma atmosfera carregada de nuvens, pardacenta, ou de manhãs verdejantes e prateadas, coloridas pela alvura da neve, de tardes chuvosas e densas, e de noites estreladas e luar vivaz, é a época das «rejoadas», que dão motivo, em lautos banquetes, á reunião mais intima da familia, onde, depois de comeram os tão apreciados «reijos».

Bendita sejas, ó terra, que me foste berço, onde se perdeu a minha puéril infancia, onde a minha vista se estendeu pela primeira vez na conquista de novos horisontes, és toda fadada de encantos e bucólicas particulas feitas para poetas e vividas por eles, que jámais a minha filúcia te deixa esquecer!...

António Lusitano.



C. JOSÉ AFONSO LUCAS

Desenho de FAUSTO ANTUNES

Gravação em madeira de A. Fernandes.

## ECOS DE CACIA

O nosso modesto semanário ao festejar a sua entrada no terceiro ano de publicação, sae com oito paginas.

Como ainda nos ficam por publicar alguns originaes e gravuras que ao nosso aniversario dizem respeito, no próximo numero continuaremos a fazer a sua publicação.

Ficam assim avisados os nossos amáveis colaboradores, para que não julguem que foi por menos respeito para com eles.

## A Margem...

### Chá das 5

5 horas da tarde. Hora habitual dos chás, hora do «flirt».

Um calor insuportável põe as ruas da cidade num brazeiro constante, exibindo-se ml e uma sombrinhas de côres variadas n'um tom alacre e divertido, sombrinhas essas encobrendo umas vèzes o rôsto gentil duma morêna, outras vèzes o perfil encantador duma loira.

Esvoaçam assim, interessantes essas ponbas que, agarradas aos seus «para-queadas», fazem prodígios de equilíbrio quando se sentem surpreendidas por algum galanteio, por um olhar perturbador, ou ainda por um sorriso discreto. Mas seguem a sua rotina, apressadas, com os olhos fitos n'um ponto que não vêem, quando não vão com os mesmos postos no chão.

É debaixo duma dessas sombrinhas que nós conseguimos vêr uma face delicada, um passo miudinho, e a preocupação de quem val com pressa; é que já são 5 horas, e alguém a espera n'um confortavel salão de chá. Mas já fica próximo o lugar almejado e nota-se-lhe um afogueado nas faces, um certo nervosismo.

Ansiosa, até ali, por alcançar aquêle lugar, afrouxava-se-lhe agora o andamento, batendo, em compensação apressado, o seu coração.

Era a primeira vèz que ali ia e um natural acanhamento aposava-se dela. Mas resistiu e entrou. Com um rápido olhar percorreu todos aquêles recantos, aquela hora cheios de pessoas esquecidas de tudo, para se compenetrarem apenas no luxo que a vida oferece, nos momentos breves disponíveis para um descanço reparador.

E foi para ela uma felicidade ao vêr que, precisamente no ponto mais longínquo e obscuro da sala, estava aquêle que a esperava. Um raio de luz penetrou naquelas duas almas, exteriorizando-se-lhe nos rostos uma franca alegria. Alheados de tudo, da música e do próprio creado que por várias vèzes os instigava a que tomassem alguma coisa, somente saboreavam as frases que de parte a parte eram proferidas.

A noite chegou. E naquêlê canto, nêsse dia, fizeram-se juras de amor...

\*\*\*

No dia seguinte. 5 horas da tarde, hora habitual dos chás, hora do «flirt».

O mesmo calor abrasador, as mesmas sombrinhas na rua, um movimentado salão de chá com o seu respectivo creado todo solícito, e um recanto com uma mêza vasia... mas por pouco tempo.

E a historia repete-se, havendo apenas mudança nos personagens, com excepção do creado que mais uma vèz teima em que tomem alguma coisa.

Mas éstes, que já não são os de ontem, também se alheiam de tudo e de todos...

E todos os dias há novas promessas naquêlê recanto, há hora já tam cansada do chá.

\* Cá fora as sombrinhas movimentam-se, quais borboletas poissando em flôres...

PORTO, Julho de 1982.

Carlos Alberto Reis.

—Egualmente declaramos que prestamos neste n.º a homenagem aos dois benemeríques mais tem trabalhado em pról da Instrução da nossa terra. A Redacção.

## A Imprensa

## MAIS UM...

O papel da pequena Imprensa, no nosso paiz e o aniversario do «Ecos de Cacia».

É de todos sobejamente conhecido o papel preponderante da pequena Imprensa nos países, onde a civilização caminha a passos lentos.

Se não estou em erro, uma illustre escritora enalteceu-a em termos encomiasticos, imorredouros, que, por nossa desgraça, são incompreendidos daqueles que invadidos pelo snobismo torpe, o simbolo dos imbecis, votam os insultos, para num servilismo aqueroso, adular os civilizados.

Não está certo. A pequena Imprensa representa um titanico agente de civilização—e por isso, devia ser constantemente louvada por todos que a olham de alto.

O «Ecos de Cacia», este illustre jornal que vem a lume numa das mais prósperas e ridentes regiões do Paiz, é portanto, um incansável pioneiro da sua terra e da limitrofe.

Hoje, que se comemora o seu aniversario, não quero olvidar a sua acção persistente em pról do levantamento da sua terra—e venho, por este motivo, na qualidade dum dos seus mais modestos leitores, louvá-la em palavras carinhosas a que tem juiz.

Por muitos anos, do «Ecos» irradiará a luz civilizadora que inunde os cérebros dos seus leitores—despertando neles o gosto de o receber assiduamente, proporcionando-lhes um meio de distração e amenidade que muitos louvores lhe grangeará.

...E, todos aquêles que malinam o papel iugente da pequena Imprensa—concebam, bem depressa o afau, o carinho a solicitude dum jornal provinciano que vive—como todos os seus colegas—exclusivamente mercê do seu esforço heroico.

V. R.



HENRIQUE M. R. DA COSTA

Desenho de FAUSTO ANTUNES

Gravação em madeira de A. Fernandes.

## Saudação

Associo-me do coração ás festas comemorativas do terceiro aniversario do brilhante semanário *Ecos de Cacia*, que vê a luz da publicidade no laborioso distrito de Aveiro e que com denôdo vem defendendo os interesses da sua linda terra.

Amigo intimo, como sou, do velho jornalista sr. Anibal Cruz, homem desempoeirado e liberal, sempre pronto com

...que passa na vida que é toda feita de contrariedades.

Quanto desgosto soffido, arreliã curtida e quanto desalento nos invade nesta lucta de todos os dias para bem iquilibrar a andamento tenaz e firme, na defesa deste rincão florido, neste baluarte que quiz e sabe conter a onda destruidora da traulitanial

Um ano a mais na vida de um jornal é alguma coisa de tenacidade em prol da ideia que se defende, em beneficio do rincão que nos viu nascer, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com que muitos nos olham, e desejamos ver progredir entre o bem e o belo, chega-se muitas vezes ao fim da jornada de um ano, e embora invejados e malqueridos por desconhecidos, por ingratos e por inimigos, porque não lhes agradou a nossa atitude activa e correctã, na defesa do que com sinceridade julgamos ter defendido, sentimo-nos satisfeitos, quites com a nossa consciencia, e sorrimos do modo alvar com



# ANALFABETISMO

Uma campanha contra o analfabetismo, em Portugal, deve ser permanente.

Uma nação que ilustra e impõe a sua historia com os mais subidos exemplos de actividade e intelligencia em seus filhos, que tem a gloria de se haver colocado no plano das mais poderosas e respeitadas, não pode continuar a abastardar-se com a falta de solução completa de tal problema.

«O analfabetismo—notou o espirito brilhante de Magalhães Lima—é uma mancha na Republica e na humanidade». É assunto de interesse de todos; o Estado, no entanto, representa o fulcro da responsabilidade desta manifestação de atraso. «Nas modernas doutrinas politicas, o Estado encara-se como o educador da sociedade, como um instituto de educação nacional» (Dr. Ricardo Jorge), O Estado republicano, porém, não tem cumprido cabalmente o seu dever.

Se, desde o inicio do novo regimen, se tivesse tratado decididamente a questão com os indispensaveis meios para desvanecer completamente a nódoa que a monarchia legára, não teriamos hoje, a 22 anos de vigência, essa elevada e triste percentagem de analfabetos adolescentes.

A cultura e educação que as circunstancias sociais hoje reclamam, não podem ser levadas a efeito com o povo analfabeto.

A falta, condenavel, de orçamentos, juntou-se a inércia da legislação.

Assim, verifica-se, por exemplo, que as possibilidades das corporações locais, que muito podem colaborar no problema, não foram devidamente estimuladas e conduzidas por uma legislação conveniente.

Em face dos três elementos: escolas, alunos e professores—desejaríamos que as Câmaras Municipais fosse dada a incumbência, obrigatória, da construção de edificios escolares competentes. É a primeira necessidade a que urge atender; e recursos, é possível obterem-se.

A's juntas de freguesia atribuiríamos o encargo da assistência escolar e o de fazer cumprir a obrigatoriedade da frequência.

Para o Estado, que fique a obrigação de preparar o professorado e prover á sua manutenção. Preceitua-se que ao professor primário seja dada uma assistência moral e material que o colo que bem dentro da sua profissão, sem necessidade de recursos estranhos, que o desviem do seu sacerdotio. Poderá, assim, acompanhar a evolução intelectual e ser um competente educador e o mais pertinaz agente da extinção do analfabetismo.

Aos estabelecimentos par-

ticulares, de caracter beneficente, seria atribuido pelo Estado, um subsidio em função dos serviços prestados e das próprias necessidades.

Somos, pois, partidarios da formula que chame a colaboração de todos. Notemos que em países de cultura popular mais adiantada, já a preocupação dos poderes se amplia mais para os organismos circum e post-escolares, com a preocupação, muito atenta, de se provêr o individuo com os meios necessarios para enfrentar as exigências e necessidades da vida social, que o cerca.

Em Portugal, pouco se tem feito neste sentido.

Na maioria dos casos, permanece a massa popular na incultura, porque é analfabeto.

Ruboriza-se, é certo, de vez em quando, com o atrazo e sentem-se as penosas consequências; mas o problema de há 20 de há 30 anos, ai ficará sem solução.

Não nos passará despercebido que alguns, que aparecem interessados, o não fazem sinceramente. São rectoricos, a falar muito de educação, para concluir que «instruir só é pouco, ás vezes chega a ser perigoso e contraproducente»...

Ora, ninguém pretenderá alhear a instrução da educação; mas, o maior perigo que se vê, naquela, deve ser para o embuste, a mentira, a hipocrisia, a impostura...

Para nós a educação funda-se nos principios da moral social e da justiça, sob o impulso da cultura e da intelligencia.

Lembra-nos o pensamento do Dr. Agostinho Fortes:—

«Quando uma intelligencia e bastante lucida, permite ter uma forte moral».

As questões que nos interessam:— liberdade de pensamento, equilibrio social, felicidade individual e fraternidade? tem por base a instrução. So com ela se pode levar a efeito uma segura educação. Só com ela se pode levar a efeito uma segura educação racional e consciente.

Sabe-se que os arautos das objecções pretendem uma educação popular insipiente e confessional, com recursos no dogma, e uma escola tal, que comporte bem o estigma:— «um instrumento reacionario do passado, conservador e rotineiro».

A evolução, porém, caminhará Há quarenta anos escrevia já o citado professor sr. Dr. Ricardo Jorge (Pai): «Some-se progressivamente nos recôncavos da história aquele afrontoso servilismo da actividade humana a principios dogmáticos, misteriosos e intangíveis, emanados de uma autoridade teocrática ou divina, duma fonte extrinseca á consciência pessoal».

Ha por aí tartufo que julgue improcedente esta doutrina e insensato o seu autor?

## 'Escassês e Abundancia'

Subentende-se n'este artigo os termos acima, por, escassês de meios e abundancia de meios, para justificar certos casos da vida quotidiana pois são casos que se deram ontem, que se dão hoje, e que se hão-de dar amanhã e sempre.

Saber poupar quando se tem para o dia de «amanhã», é politica tão pratica para a familia, como para as próprias nacionalidades.

Mal vai áquele que, tendo o bolso cheio, o gasta perdulariamente, em vez de o depositar com espirito de previdencia, contando, (tanto para si como para sua familia,) com o dia de «amanhã».

È bem conhecida a fabula da cigarra e da formiga; por isso, poupo-me ao trabalho de a transcrever. Não quer isto significar no seu todo, sovinnice.

O que aqui se frisa é bem diferente. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra, mas sim no seu verdadeiro termo.

Assim como no funcionalismo, quer civil quer militar existem as caixas de reformas e aposentações como espirito de previdencia, assim, tambem na vida particular esse espirito deve existir, para o bem familiar no futuro, isto é, quando a velhice chegar.

Ha um dictado que diz: antes prevenir que remediar; mas aqui, é prevenir, para depois estar remediado.

O espirito de previdencia evita, em certos casos, perdas irremediaveis.

E, é caso ate de se poder afirmar que: aonde estiver um homem metódico; e o metodo na vida, é tudo. Regra esta que, tanto se aplica a modestos como a abastados.

E se «muitos poucos» fazem muito, os modestos que se aproveitam desse tal espirito de providencia, pois só assim conseguirão ter a velhice amparada.

È estes mais que aqueles, terão que o ser, pois enquanto o abastado só tem que ir amparando o que tem, o outro tem que o ganhar, para, desse ganho viver, e, do excedente, formar então, dia a dia, semana a semana, mês a mês, o peculio que depois lhe ha-de valer no decorrer da vida.

Fazer o contrario da doutrina exposta, é contribuir para o mal individual e familiar, e ate social; pois a infelicidade do nosso semelhante, é coisa que, não nos deve passar despercebida.

Preveni-vos, para estardes remediados.

Argus.

Nós deixamos ao verme objecto e ás aves de rapina a escuridão!

«A Beleza e a própria vida estão do lado daqueles que lutam pela Luz, pela Justiça, pela Humanidade.»—(Kropotkine).

A virtude está do nosso lado.

Antonio Abrantes.

# Sombras de Vida

## DESTINOS

Quantas mulheres casadas não há que são mais baixas de sentimentos do que as prostitutas—essa avalanche ignóbil que invade e espalha nos corpos fracos da mocidade máscula a doença eterna que é o veneno?

Quantos não há que tocam o amôr dum marido humilde pelas caricias chulas dum amante? Quantos e quantos não são assim? È isto sem excessão: desde a pobre á rica; desde a prostituta. Èo Destino! Ora bom para uns; ora errante e teimoso para outros!

Lembra-me o velho provérbio:

*Onde has-de ir,  
não podes fugir.*

E assim é! Para que desviemos das pégadas errantes da Estrada da Vida, quando por outros atalhos e caminhos chegamos ao mesmo fim e ao mesmo tempo? Para que fugimos se «a Vida é um longo caminho cheio de encruzilhadas, e se o seu fim é incerto». Para que fugir, sim? Pergunto a mim próprio! Para que procurar um destino doirado, se o nosso tiver que ser escuro e sombrio como a noite numa floresta? Não, não procures nunca, amigo. Segue-o caminho que Ele te aponta e defronta-o, seja bom ou mau.

A roda da Vida é grande e quando chega a dar uma volta, já tem esmagado milhares de vidas sem excessão.

A morte não escolhe, e quando passa na sua onda mortifera, não deixa o milionário para levar o pedinte; não leva a velhice para deixar a mocidade. Não se emporta com idades, posições ou sexos. A sua foice

arrazadora passa sobre as cabeças num vai-vem vertiginoso de cóbra. Não é invejosa, é réta, valha-nos isso. Quere que na morte sejamos todos iguais. E o que é a Morte?—preguntará o leitor. Atéhoje ninguém decifrou este enigma misterioso. E o que é a Vida? A vida é uma eterna interrogação a que só a Morte responde. Por isso, leitor, quando um dia te vires perseguido pela sombra da Morte, não lutes. Deixa-te embalar docemente no seu bailado fantástico e arrebatador e faz por te esquecer da Vida que é incertá para todos. Não chores nem tenhas medo quando um dia vejas a Morte pastrar sobre o teu leito onde sôfras. Não a repilas porque Ela é teimosa. Acarinhava, ainda que vejas apagar-se a luz dos teus olhos, pálida já do sofrimento, e deixa que Ela te adormeça nos seus braços misteriosos para a Vida e te leve para a Terra da Igualdade. Até á Morte poderemos s' tudo, mas depois da Morte somos apenas nada.

Lisboa, Julho de 1932

João Pereira.

N. da R. — A redacção dos *Ecós* agradece ao jovem e distinto escritor sr. João Pereira, de Lisboa, a subida honra da sua apreciada colaboração para este numero comemorativo do 2.º anniversario, esperando que, em futuros numeros, as suas produções dêem brilho as nossas humildes colunas.

## Panorama de Portugal



## Fausto Antunes

Faltariamos a um deder se aqui não escrevessemos duas palavras de apresentação para o nosso querido amigo sr. Fausto Antunes, de Lisboa, que hoje illustrou o nosso jornal com os seus graciosos *croquis*, e que continuará em numeros proximos a dar interessantes caricaturas.

È um moço artista que em revistas e jornais da capital tem brilhado, e que aos leitores do *Ecós* vai mimosear com os seus lapis cheio de espirito e arte.

## Dois Sonetos

O illustre poeta sr. João Salgueito Cesta, de Lisboa, escreveu para o nosso numero de hoje dois soberbos sonetos, que os apaixonados da Musa apreciarão.

Os nossos agradecimentos por tão amavel deferencia.

— «De verdade é na região do Vouga que a Arte encontra maravilhas da Natureza para soberbos quadros.»

J. B. M.

DR. TOMAZ D'AQUINO  
Medico SARRAZOLA



## CAMPEZINA

Porque andas de mal comigo  
Oh! minha doce trigueira?  
Quem me dera ser o trigo  
Que andas calcando na eira.

É linda a tarde. O sol afaga a terra em ondas de luz doirada. Nem leve aragem agita as folhas das árvores. Os arbustos quedam-se alheios também á aragem que não os beija. As borboletas, aos pares, torvelinham-se no ar, fugindo aos afagos que se procuram. E campos fora vê-se uma tênue nuvem que se évola da terra, subindo no ar.

Meu amor, vamos nós aproveitar a amenidade desta tarde calma e tépida, vamos aspirar a plenos pulmões o oxigênio que se desprende das plantas; na cidade respira-se mal, os perfumes que envolvem os corpos entontecem, e só os perfumes que a Natureza espalha na atmosfera nos tonifica e dá saúde.

Dá-me o teu braço...

Ouves ao longe aquelas vozes que cantam em doce toada? São as camponesas que sacham o milho e que, trabalhando, alegremente cantam. São assim os trabalhadores do campo, até quando sofrem cantam para espalhar as máguas, para entorpecer as agruras da vida. Ouvês, meu amor, como cantam ao compasso das enxadas que vão revolvendo a terra? Vamo-nos aproximando, e verás o rosto das jornaleiras coradas, cheias de vida, mostrando força, vigor, e sem mostras de cansaço?

Olha como Ceres tem estes prados! Acolá em baixo,

E porque não seriam observadas semelhantes qualidades e antes deprimidas com a clara e transparente visão d'um acinte?

—Altos misterios de Deus ou baixos sarilhos do diabo.

Mas adiante:

O Dr. Vasco Rocha, inegavelmente d'uma superior intelligencia, teria, se quisesse predominado nos meios em que a sua illustração vigorava e a sua competencia sobressaia.

Preocupava-o no entanto uma fanática paixão que lhe assombrava o espirito, lhe tornava a alma vibrante de emoção e o pensamento constantemente obsecado pelas deliciosas atrações da sua tão querida e incomparavel Dulcinea.

A musica, e se ele nos legou essa herança n'um dos melhores momentos da sua brilhante e sintilante inspiração, não será para admirar que os seus detractores, pondo de parte o que friamente lhe deu motivo, por ella se sintam igualmente apaixonados, e a façam reviver e partilhar por todos os que conscientemente tanto a apreciam e lhe consagram venerando culto.

E estes curvam-se ante os ecos de magistraes melodias, que, penetrando alem campá, embalam a morte e a fazem, quem sabe? sonhar até com os preludios do tema, harmonia do recheio e concertantes da obra.

Obra maravilhosa que o Dr. Vasco Rocha nos legou, sobre o seu túmulo deponhamos as flores com que o insigne maestro se enalteceu e enaltecidos deixou ficar os que sob a sua direcção colheram louros, glorias e louvores.

Paz á sua alma e paz, sempre paz nos espiritos do grupo que elle estremecia e para quem escrevera as mais sublimes paginas do seu genio musical.

AVEIRO, Julho de 1932.

L. Conceiro da Costa.

aquelas jubas que ao sopro da viração que começa, ondulam suavemente! São os trigais que aloram, são as cevadas que amadurecem, são os centeios que têm pronta a sua maturação, são as aveias que esperam os ceifadores!

Não te sentes cansada pois não, minha bem amada? Pois prossigamos campos em fora, que a tarde é linda e só agora sentimos nas faces os beijos da viração. E d'aqui até que Phebo se esconda, ainda hão-de passar algumas horas.

Trepamos até lá acima áquella casinha que branqueja no meio da vinha. Ali deve estar-se bem; dali veremos nos quatro pontos cardiais o panorama que á nossa vista se desenrola. Sob o verde-negro daquellas árvores que daqui vertos carregadas de pomos doiro nos dessedentaremos e repousaremos por instantes da caminhada em que viemos.

Até as tuas faces se vêm já mais escarlates; é o sangue em seus globulos vermelhos que todá vida, a vida e alegria que te falta na cidade.

Sentemo-nos pois, e permite, meu amor, que seja, eu agora que te tente como Eva tentou Adão no Paraizo: come esta laranja, mata assim a sede que te afflige, comemos ambos deste fruto que refresca.

Olha, repara aquelle bando de pombas que além se levantou e vêm em direitura ao seu pombal. Procuravam algum grão de milho mal coberto pela grade do sementeiro! Como são felizes as pombas!... Vão no espaço livremente; poisam onde bem querem, procurando o seu alimento, e arrulham airoosamente a volta da companhia que por vezes se esquivá aos seus arrulhos. Mas repara para aquelle casal! Não vêes como amorosamente se acarinham, bico metido no bico, beijando-se á luz do sol que vai tombando no Ocaso?

Minha bem amada, encosta-te a mim, também eu quero beijar-te, dá-me os teus lábios, deixa sorver-me deles a minha vida, que a Natureza é fecunda. Assim, meu amor, assim...

Vamos embora. O tempo vai refrescando. Já no horizonte se desenhám umas nevoas que vão por certo empanar o brilho do sol que vai a caminho dos antípodas, e logo, quando elle se afogar na imensidade das águas, ha-de fazer frio. Vamo-nos embora.

Já não se ouvem os sachadores. Findaram já o seu dia trabalho. Olha lá em baixo. Vês o fumo que sai daqueles casais? E' do lume que se acendeu para cosinhar a refeição da noite, daqueles que no fim do dia regressam a casa, cansados mas alegres, porque andam no grangeio da vida, no tratamento do pão do dia de amanhã.

Lá para fins de julho ou principios de agosto, hemos de voltar ao campo, sim, meu amor? para vermos como novamente cantam os que nas eiras debulham os trigos, as cevadas e as aveias.

Toma, leva três espigas de cada seára, ata-as e dependura-as em tua casa, que são o símbolo da abundância, da fartura que a Natureza cria em favor de todos nós.

Vai findar este dia. Tão cedo voltará outro, calmo e doce, que nos proporcione tão ameno passeio.

Foi-se o sol. A lua vem ainda a hojas de iluminar com seu crescente o caminho que trilhamos no nosso regresso.

Com as emoções deste passeio e com o cansaço de tão grande, mas higiênica caminhada, deves ter uma noite de calmo sono. Que Morpheu te proteja e acarinhe em doce tranquilidade.

Boa noite, vida minha!

F. Nascimento Correia

# SUPLEMENTO LITERARIO

DO «ECOS DE CACIA»

N.º 2, JULHO DE 1932 — DIRECÇÃO DE NASCIMENTO CORREIA — PUBLICAÇÃO MENSAL

## NÓTULAS,

*M*ia dizia de, meninos vir um commaus olhos, o aparecimento desta publicação literaria dos «Ecos». E, vai d'ai, começaram a arreganhar a dentuça nuns tregitos de riso escurninho, como se os seus risos não inspirassem só piedade, como se os seus dentes não causassem só asco. Mas, em contraposição, tem chegado até nós palavras de incitamento que nos desvanecem, tanto mais partindo de pessoas que sabem avaliar os sacrificios necessarios para manter uma publicação, embora modesta, como a nossa.

«Beira Mar», que se publica em Ilhavo, honra a sua terra e a imprensa provincialiana.

Não é um jornal como há tantos, é um jornal que tem prestado relevantes serviços ao seu concelho. A mocidade então deve-lhe inenso. Desde que João Carlos Cestlino Gomes o fundou até hoje, aquelle nosso colega, insuflando coragem a muitos novos, publicando-lhes as produções, creou em Ilhavo uma falange de moços que amanhã marcará seguramente o seu logar na literatura e na arte.

Endereçamos, pois, ao «Beira Mar» os nossos cumprimentos, só lastimando que muitos, melhor, muitissimos

## Vasco Rocha



**N. R.** O Suplemento Literario presta hoje a sua homenagem á memória do Dr. Vasco Rocha, autor inspiradissimo da musica da revista «A Caldeirada».

Luiz Couceiro, que escreveu a letra da mesma revista, estava naturalmente indicado para traçar algumas palavras sobre o maestro não há muito desaparecido. Convidado a fazê-lo, accedeu gentilmente o que nos a faz registrar, certo como é atravessar-mos uma época de comodismo e bem pouco propicia a saudades.

Quer a Direcção do «Suplemento Literario honrar-me, solicitando a minha muito humilde colaboração no presente número, e tão humilde que, se não fora para traçar palavras sentidas e muito evocativas d'uma dolorosa saudade com o maximo tributo de respeito á memoria de um morto de subido e apreciado valôr, ter-me-ia escusado, por quanto, as somenos capacidades, como a minha, não temem nem podem ter cabimento nas paginas de um jornal cujo titulo reclama atributos que melhor cooperem na sua intenção.

E assim, como poder e souber, e apenas com a aquiescencia

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

## COMENTÁRIOS

*Jornais lhe não sigam o exemplo.*

Fêz anos, ha poucos dias, que Homem Cristo, Filho, morreu. Português de excepcional valor, triunfou no estrangeiro, entre grandes figuras, e mal conseguiu afirmar-se na sua pátria, no meio de tanto mediocre.

Gostariamos de prestar á memória de Homem Cristo, Filho, um condigna homenagem mas, razões de vária ordem, não no-lo consentem. Limitamo-nos, por agora, a recordar com saudade este aveirense illustre, este português illustre, romancista, jornalista e verdadeiro diplomata que, aniquilado traiçoeiramente pela vida, a morte não conseguiu vencer.

A Fábrica Aleluia tem já a sua reputação feita hamuito, mas não é demais repetir que os seus produtos são de uma completa perfeição.

Desde há meses que, em casa própria, na Avenida Central, instalou um stand permanente onde se podem admirar paneaux, azulejos, bibelots e muitos outros objectos de arte e de utilidade que fazem a admiração de quantos ali entram. Uma visita a esta exposição alegrá o espirito e diz-nos que Aveiro honra a cerâmica portuguesa pela consciencia e habilidade dos seus artistas.



# Página Poética

## POR TI... QUADRAS

Nas águas desta ria vou deixando  
Cair as tristes máguas desditosas:  
As dores que na vida vou passando  
D'amizades fingidas, enganosas.

Minh'alma se desfaz num sonho brando,  
Em lágrimas sinceras, dolorosas;  
Que negro o meu viver me vão tornando  
Em dúvidas terríveis, suspeitosas.

—Só tu, meu doce bem, minh'alegria,  
Enches de ventura esta alma triste:  
Do sol, do teu olhar, que me alumia.

Ó luz que as minhas máguas diluiste!  
Por ti sofro da vida a tirania  
Pois sem ti, neste mundo, nada existe!

## Franqueza

**F**tu bem sei que desdenhas de meus versos,  
Das tristes produções que ás vezes faço;  
Que importa se são froixos e não tersos.  
Nascidos sem medida e sem compasso.

Não me alentam desejos de brilhar  
Grandemente nesta arte de Camões:  
Sigo simples, modesto, a vegetar...  
Sem p'ra mim pretender adulações.

—Tu perdoas por certo esta franqueza  
De eu te escrever assim tão secamente.  
O jôgo é franco, as cartas s'tão na mesa.

De bondade saíste-me inocente,  
E por isso desculpo, na certeza  
De ser eu um poeta incompetente.

### FADO DOS CRAVOS

Ésses teus lábios fragrantos  
Eu aos cravos os comparo,  
Pois há cravos, e bastantes,  
Com um perfume bem raro!

Se um cravo vermelho beijo,  
O meu bem, que ideia louca!  
Cuido matar o desejo  
De beijar a tua boca!

João de Destriz

**A**lma dorida, em pedaços,  
Estarrapada, delida;  
Espalhias pelos espaços  
Bocados da tua vida.

Hei-de morrer do tormento  
Da dor causada por ti;  
Desfizeste num momento  
O prazer em que vivi!

Ó Lima, tu que és de prata,  
Segredas castos rumores...  
Murmúrios de serenata  
Que cantas aos teus amores.

O beijo tem o calor  
Que nos atrai, nos seduz;  
—Perfume que o nosso amor  
Transforma em ondas de luz.

## Os condenados

**D**escalços, mirrados, hirtos,  
vão em longas caravanas...  
Deixam nas tristes cabanas  
Castos perfumes de mirtos  
e a lareira apagada...

E pela rua alagada  
da chuva que vai caindo  
a patinhar pela lama  
lá seguem...  
...a voz calada,  
o seu rosto contraído  
e a alma amargurada.

E a chuva caindo vai  
amolecendo a coragem;  
arrefece os corações  
o sopro da fria aragem...

E a alma dos condenados  
esquecem quem os vê  
meditabundos, calados,  
talvez sem saber por quê!

E descalços, mirrados, hirtos,  
sem o perfume dos mirtos,  
vão em longas caravanas...  
recordando, encharcados,  
os cavacos apagados  
na lareira...  
...nas cabanas

# Coimbra

# Vasco Rocha

(Continuação da 1.ª pagina)

Coimbra! palavra cheia de magia e de sonoridade, écda sempre aos meus ouvidos como as cordas de uma guitarra vibrada por mãos de virtuouse. Coimbra constitui para mim um motivo de sonho e de encanto: Quantas vezes eu me extasiava perante aquele scenário maravilhoso e me quedava a scismar, sósinho, perante aquelas excepcionais?! A's vezes chegava—quem sabe! a sonhar... dando-me o sonho a transparente illusão de estar em um eden, onde tudo eram preciosidades e coisas delectosas. Não admira, porém. A cidade dos lentes é quasi um paraíso: recanto talvez o mais lindo e mais poético de Portugal, onde todas as coisas, até nos seus mínimos detalhes, causam atractivo e prendem a atenção. São os Olivais, pequenino e gracioso burgo, com as suas casas queimadas pelo sol e, mais além, o vale de Canas, mata de luxuriante vegetação, com as suas árvores frondentes e refrescante sombra—um dos logares mais agradáveis dos s'iburbios; é o Calhábé, albergando os seus interessantes chalets, e depois a cumada dos Montes Claros, onde se disfrutam panoramas de surpreendente beleza, e como em uma fita cinematográfica nós vemos p'passar por nossos olhos extasiados—o Penedo da Saudade—aquele mar de sonho e de beleza, que faz palpitar nosso coração e voar a nossa alma a regiões inacessíveis e, ao fundo, o Mondego—aquele rio de singular poesia, fonte perene de sequiosos poetas! Que deslumbramento não nos causa toda esta paisagem! Quem a vê com olhos de artista não pode deixar de admirar a doçura e a suavidade que dela emana e se, como diz Antel, a paisagem é um estado de alma, não podemos deixar de sentir a empolgante beleza e maravilhosa harmonia de todo aquêl scenário. A exuberância de côres, a combinação de tons e a harmonia de sons é tão perfeita, que todo aquêl conjunto constitue uma estranha sinfonia, uma admirável orquestra, exalçando em hinos de triunfo a obra prodigiosa do Criador. A terra mais linda de Portugal é também a cidade universitária por excelência. As capas negras são as andorinhas que remooam com a sua irrequieta juventude tão vestida cidade, imprimindo-lhe o caracter inconfundível que possui e dando-lhe aquêl vida tão alegre e tão bulçosa que não se observa em mais parte alguma. Lá no alto fica o Alcaçar da sciência, coroando toda a orbe, com a sua torre de sinos a convocar os dilectos filhos de Minerva. Estes accorrem, pressurosos, ao seu chamamento, e á tarde, findas as aulas, espalham-se pela Alta e pela Baixa, pelo Penedo da Saudade, por Santa Clara, por toda a cidade, emfim, dando-lhe aquêl nota de viveza e bulçeo que tão característica é. As ruas da Baixa enchem-se então de capas negras a esvoaçar ao vento, ostentando pastas com largas fitas de sedas vermelhas, amarelas, azues e roxas...

Surge o mês de Maio. As aves cantam ao desafio E eis que surgem as romarias!—O Espírito Santo, em Santo Antonio dos Olivais, festa essencialmente popular, eminentemente caracteristica por causa das suas campainhas, onde operários, estudantes e doutores, toda a gente, em suma, compra campainhas que vão tangendo em uma curiosa e extravagante sinfonia. No fim do mês celebra-se a tradicional—Queimadas-Fitas—a festa dos quartanistas, que é também a festa da Academia.

Os gaites e os Zés P'reiras atroam os ares, os foguetes estoiram, e a festa principia.

Os caloiros, armados de shifres, vão a Santa Clara, á garraia-da. Pela porta férrea saem os carros alegóricos ornamentados com flores de várias cambiantes. Os académicos dão largas á sua alegria de moços, afogando em gargalhadas acontecimentos de sensação. No largo da Feira queimam-se os «grêlos».

A festa termina e a cidade entra num período de prostração. Os estudantes recolhem-se a um profundo silêncio, e os actos principiam...

á delicadeza do pedido, procurarei se a tanto me ajudar a oportunidade, deixar vincado n'estas columnas um modestissimo pedestal ao vulto desaparecido com a não menos modesta e simples legenda de: «**Exito d'uma grande verdade.**»

O Doutor Vasco Rocha, inegavelmente d'uma superior intelligencia teria, se quizesse, predominado nos meios com que a sua illustração vigorava e a sua competência sobressaía.

Preocupava-o no entanto uma fanatica paixão que lhe assombrava o espirito, lhe tornava a alma vibrante democão e o pensamento constantemente obsecado pelas delectosas atrações da sua tão querida e incomparavel Dulcinea.

A musica.

E era ve-los então os dois na sonhadora meditação d'um culto sublime.

Ela louquinha d'amor por alguém que melhor a acariciasse, mostrava-lhe toda a finalidade da sua arte, abria-lhe os braços da sua immortel belleza, estendia-lhe o manto deslumbrante dos seus inegalaveis encantos e abrigava-o nas azas subtis da sua emotiva inspiração.

Ele, em recompensa, e não menos louco, até mesmo de todo perdido no delirio que somente amantes de semelhante natureza podem compreender, imprimia-lhe sorrisos, multava-lhe graça, afagava-a, osculava-a com ardor e offercia-lhe por fim os mais risonhos e floridos bouquets ao seu prodigioso talento.

Talento nunca desmentido quando de tão estranho edilio ede tão reverente amor se arrancavam odes de magistral concepção e poemas d'um impressionante sentimentalismo.

E um dos muitos com que sempre o cantou e devéras enalteceu, ainda ha pouco nos surgiu como homenagem justa e bem devidamente cumprida.

Refiro-me á genial partitura de revista «*A Caldeirada*» cuja musica nos embala ainda no berço de suavissimas melodias e nos faz adormecer com fé de que para sempre perdurará no intangivel sacrario dos que a entoaram e tão magistralmente a souberam colorir dos inebriantes perfumes que o seu chorado inspirador lhe insuflou.

Disse que um sacrario intangivel para sempre guardará as deliciosas baladas d'essa concepção original, e semelhante abrigo de respeito e veneração reside sem duvida nas almas do grupo cénico «*Tricenas e galitos*» que a despeito de todas as más vontades, mesquinhas divergencias e propositadas insinuações, tudo saberá afrontar, navegando sempre pelas águas serenas da sua permanente simpatia e galgando ovante as vagas revoltas do mar da inveja, somente porque de triunfo em triunfo tem sabido conduzir-se n'uma irrepreensivel manifestação da sua parte e procurado afirmar-se nos incontestaveis merecimentos com que a imprensa justa e imparcial tão sobejamente o tem distinguindo.

Aventuras, como impensadamente em um periodico de Aveiro se classificara o esforço inaudito e a indomita vontade d'um nucleio por si proprio estimulado ao seu dever?

Serão, mais aproveitaveis e muito oportunas allusões para que d'elas se tire uma lição que graciosamente ensinamos, mostrando que o desprimor da critica nunca deveria atingir quem tão illustrada e generosamente se prontificou a substituir uma antiga figurante em um dos papeis de maior responsabilidade e em face de trinta mil e uma contrariedades da occasião.

Contrariedades que afinal foram vencidas com garbo, com nobreza, e se taes predicados muito honrosamente a todos pertencem perante as irredutíveis recusas dos que poderiam e deveriam prestar o seu valioso concurso, seja-nos licito então destacar e distinguir o da Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Olga Teixeira na estrea do palco, gentilissima marcante do que lhe fôra confiado e sobretudo intelligentissima observadora de que n'esse melindroso encargo encarnava nas horas mais dificeis d'uma substituição.

—A par disto, que já é muito, a primorosa educação, a figura insinuante e a correctissima linguagem de sua dicção.

A. C. Neves de Oliveira.





# Posto Radio Cacia



## Cavador

(Ao povo da Quintã do Loureiro)

No pino da madrugada,  
Onde váis, bom cavador?  
—Vou voltar com esta enxada,  
A terra do meu senhor.

A geada cobre o outeiro,  
Não tens frio, cavador?  
—Eu frio? Num dia inteiro  
Régo a terra com suor.

Vê todo aquele arvoredo  
Ali, por entre o jardim  
Em frente aqui do meu dêdo?  
Foi plantado por mim!

Muitas vinhas, olivais,  
Coisas mil que eu já nem sei,  
Quintas, parques e quintais,  
Isso e mais eu semeiei.

Desse trabalho, afinal,  
O produto, cavador?  
Não tenho nem um rial,  
É tudo do meu senhor...

## Na aldeia

(O operario do campo e o operario da cidade)

Bons dias, camponês,  
Diviso no teu rosto uma alegria infinda.  
Só eu tristonho vêz?—

—E olha que eu trabalho  
Desde o raiar da aurora á noite ao por do sol,  
Já quando no atalho  
Não se houve o rouxinol;  
Cavando a negra terra,  
Cavando na alegria,  
Porque é onde se encerra  
O pão de cada dia.

Recolho já de noite, mas vou ainda depois,  
Chamar a criação, dár de comer aos bois,  
Soltar o meu fiel, o cão, para guardar  
Os milhos do celeiro e os frutos do pomar.

A ceia vem no fim. Depois vou-me deitar  
E penso no amor...—

—Que santa vida a tua, ó nobre cavador!...  
Enquanto que eu, franzino,  
Dos lados da cidade,  
Levo uma vida atrozi!  
E todavia, há-de  
Julgar algum de vóz.  
O contrario, que não.  
Pois queres conhecer toda a minha odisseia?  
Escuta, meu irmão.

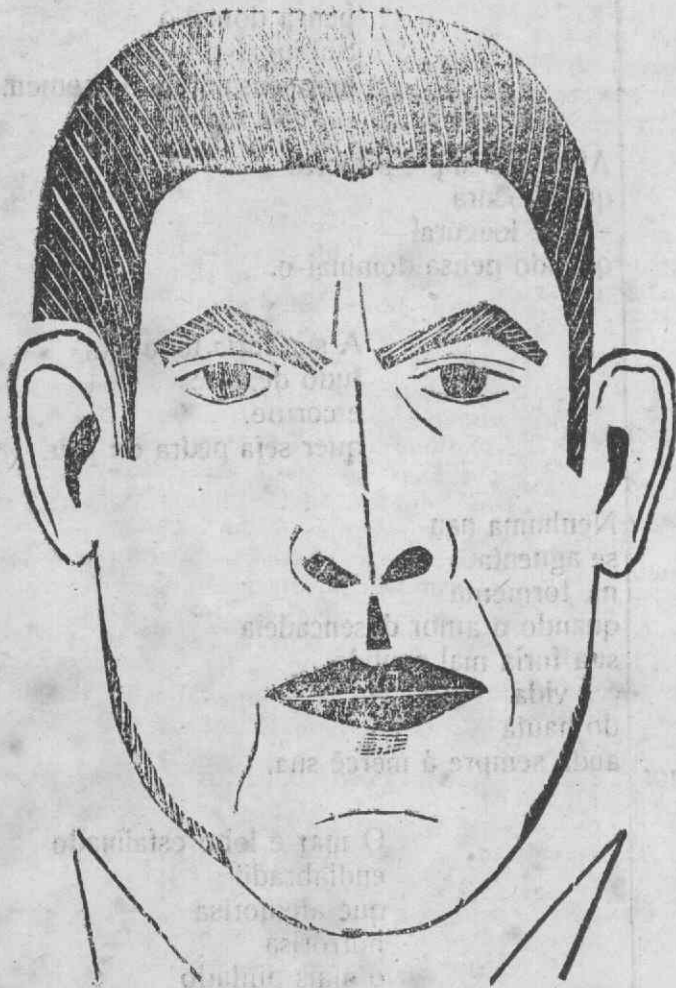
Alta manhã fumega a chaminé gigante  
Da casa colossal que fica alem distante...  
P'ra lá me chama o silvo agudo dum vapor,  
P'ra vida, labuto a mando dum senhor  
Que enrica á minha cista, e ao vêr-me combalido  
Me ensina do hospital o catre desvalido  
Onde irei repousar; enquanto em casa os filhos,  
Muitos de frio e fome, uns pobres maltrapilhos,  
Definham-se com dôr!

Se acáso a morte corta o nóda da cruel vida  
Que neste mundo, assim, me dá triste guarida,  
Então serei feliz. Mas se ao contrario, eu volto  
A ver minha próle, encontro-a de envolto  
Na negra escravidão da sociedade avára,  
Que rindo com vileza, então p'ra mim repara...  
Mêus filhos, não podendo  
Sofrer tanta miséria,  
Votaram-se a roubar. Depois, a gente seria  
Mandava-os p'ra cadeia,  
Chamando-lhes ladrões;  
E se iam mendigar fechavam-lhes os portões!...

Não queiras, pois irmão viver lá na cidade;  
Prefere cá da aldeia o sol e a liberdade  
Romantica d'Aurora!  
Abraça os teus boisinhos  
Que são os teus escravos  
No amanho da terra ou no puxar da nóra;  
Que a minha escravidão só com sorrisos bravos  
M'a pága o meu senhor...—

—Bons dias, meu irmão,  
—Saude, o Cavador!

## SAUDAÇÕES AO "ECOS DE CACIA"



(Desenho e gravação em madeira de Artur Fernandes.)

Um novo ano de lutas surge, despen-  
apareceante a espectiva dos nos-  
sos olhares, dos nossos ideais e das nos-  
sas aspirações jornalisticas.

Do modo como o «Ecos de Cacia» de-  
sempenha o seu papel em o ano que ter-  
mina o seu 2.º aniversario de sua nova  
existencia, somos nós, leitores, testemu-  
nhas fieis, que devemos saber calcular o  
esforço que o Director e Administrador  
de o «Ecos» despênde para cumprir os  
deveres que andam inerantes ao seu car-  
go que espontaneamente desempenha.

Mas eu não venho com estas palavras,  
dar elogios ao «Ecos de Cacia», mas sim  
a satisfação de cumprir um dever. A sa-  
tisfação e o orgulho. O orgulho de se ba-  
ter sem descanso por ideais valorosos,  
quais sejam os de defender Cacia e suas  
terras vesinhas de situações que o avil-  
tem, ou a Democracia de ataques que a  
diminuem e pretendam aniquilá-la.

Por Cacia, pelo seu progresso, pela  
sua dignificação, e por uma Republica bem  
democratica, bem humana e justa, tole-  
rante e culta, é o seu escudo de com-  
batentes, hoje e sempre.

Por Cacia, pois, por uma terra já um  
pouco elevada nos seus progressos, na  
sua beleza e tambem grande nos seus ho-  
mens, nas suas figuras quando não no  
seu talento, ao menos pela sua conducta,  
num impressionante conjunto de virtu-  
des, onde a menor não seja a da modes-  
tia, onde a maior, seja precisamente a da  
humilde, aquela humildade áltiva e di-  
gna que para sempre faz glorioso o ver-  
dadeiro sábio e homem de bem.

Com os seus homens actuais ou outros  
que venham lutar nas suas trincheiras,  
o «Ecos de Cacia» proseguirá na sua  
tarefa do bem fazer, não se afastando  
das suas directrizes, em que a calma, a  
decencia e a dignidade dos seus racio-  
cínios constituem, em grande parte, o  
fulcro e a base dos seus pergaminhos de  
honra e jornalístico.

Eu te saúdo «Ecos de Cacia», no con-  
pletares agora o teu 2.º aniversario de  
tua nova existencia!

Eu vos saúdo, dig.º Director e Admi-  
nistrador, neste dia festivo, em que o  
«Ecos de Cacia» celebra mais um ano de  
existencia, por que a vós se deve mais  
este acerrimo defensor do Ideal Republi-  
cano e Democrático, que tanto e tanto  
honra a terra de Cacia, onde vê a luz da  
publicidade!

Eu vos saúdo, honrados assinantes, e  
colaboradores e correspondentes de tão  
laborioso jornal.

Mais uma vez te saúdo ó «Ecos» e a  
teus compositores, neste dia memoravel.

## A INDUSTRIA

A unica maneira de combatermos tão horro-  
rosa crise de trabalho consiste em que todos os bons  
portugueses, e aqueles que tenham sentido ou sim-  
tam os efeitos da falta de trabalho, e não só estes  
como todos nós, é nosso dever auxiliarmos a In-  
dustria Portuguesa.



Croquis de Julio Costa—Lisboa

## Alvorada em Cacia

Os gálos cantam, os gálos cantam.  
Nasceu a aurora. Tocam clarins.  
Os camponeses já se levantam;  
Abrem-se as rosas mais os jasmíns...

Gémem as rôlas nos pinheirais;  
D'entre um loureiro um mélo assobia...  
—Que boas novas, Senhor, nos dais!  
Vamos, por certo, ter um bom dia.

Olha as Marias! Vão em rebanho.  
Como a caminho de uma função...  
São casadoiras, de bom tamanho  
P'ra me alegrarem o coração!

Vão p'ros trabalhos, p'ros lavratorios,  
Onde hão-de, juntas, cantar, cantar!  
E os ecos delas vão pelos rios  
Até se perderem alem no mar!...

Trinam as fontes, na melodia  
Da sua vóz, sempre a sonhar...  
Pássa o pastor mas que alegria!  
Vai p'ra igreja cantar e orá!

Avé-Marias resoam já  
Na branca ermida rentinha aos Céus,  
Onde Maria, risonha, está  
Junta dos Anjos, dos filhos seus!

—Rapaz, pequeno, vá leva arriba!  
Toca a vestir. Vamos almoçar!  
O pai e o servo vão p'ra sorrir,  
É tu, pequeno, vais o estudar.

Vais para a escola, para que te vejas  
Muito depressa «senhor doutor»;  
Porque teu pai quer que tu sejas  
Mais importante que o professor!

Os rachadores estão no trabalho.  
A lenha é cara. Toca a rachar!  
Que não se perca sequer um galho!  
Que o ginho fica no aproveitar.

Muitas vezes é vê-los contentes  
O miudos e a rapaziada  
Pescando nas margens do Vouga  
A frugal e boa caldeirada.

## Mêu filhinho

Baloíça o berço bonito  
Do meu filhinho adorado.  
Já dorme! (Seja bendito  
Meu Jesus Crocificado!)

Parece um anjo a dormir!  
—Mariposa não volites,  
Que ele pôde-te sentir;  
Seu sono não precipites...—

Baloíça o berço... rú... rú...  
(Descansa. Como é formoso!)  
—Nesta vida, filho, és tú  
Que tornas meu lar ditosa.—

Que se cále a camponesa  
Que canta canções de amor  
Muito alem, entre a deveza,  
Que se cále, por favôr!

Não vá o meu filho acordar  
É eu vê-lo entristeido,  
A chorar, sempre a chorar,  
O meu anjo extremecido!

Quem me ampára nesta vida,  
É tu, meu filho, és tu,  
Minha pomba extremecida!  
Baloíça o berço... Rú... rú...



# Página Literaria

## Recordando..

(INEDITO)

Momentos inefáveis que eu passei  
quando beijava as tuas mãos tão lindas  
fazendo reviver horas infindas,  
êsse amor puro que te consagrei.

Partiste, é certo. E não te ocultei  
o meu amor por ti. (Ilusões findas!)  
Que além dos meus afagos, prescindas,  
meu coração não esquece, o que te amei.

Pregunto a mim, às vezes, se morrer  
será consôlo, Se deva sofrêr,  
ou bemdizer a hora em que te vi.

Bem longe de ti, o meu tormento  
funde com a Saudade, um pensamento,  
que estará sempre eternamente em ti.

JOÃO SALGUEIRO COSTA.

## SONETO

Deixa o pérfido mundo lá falar;  
Deixa verem argueiros em teus olhos...  
Se as multidões, nos seus, os têm aos molhos  
Para que te hás-de, ó meu amor, ralar?!

Vê se fazes mas é por te afastar,  
A não queres sofrer mais abrolhos....  
As multidões levantam só escolhos  
Que nos fazem gemer e soluçar!

Despresa as turbas mais as ambições,  
Que por agora albergas em teu seio,  
E que são outras tantas ilusões.

Adora a vida simples, e a meu lado  
Poderás então ver, num doce enleio,  
Que a vida é bem um sonho perfumado.

João de Dêstriz.

## Desejo de um só beijo

Andavas, cêdo ainda, a passear sozinha  
Pelos teus jardins matizados de frescura;  
Entre tantas flôres tu eras a Rainha  
Mais cândida, de mais joval formosura.

Nasceu o sol sorrindo de te vêr tam cêdo  
Divagando, qual fada ainda em letargia;  
Como que abrindo os braços, apressa-se lêdo  
Beijando meigamente tua face fria.

Impávida e serêna, apenas còraste,  
De faces avermelhadas então ficaste  
Devido aos beijos quentes dêsse sol tardio.

Pois se muito cêdo êle t'apareceu,  
Bem mais cêdo ainda nasce o desejo meu  
D'um só beijo te dar, mais quente, fugidio...

Pôrto, Julho de 1932.

Carlos Alberto Reis.

## O MAR

O mar é lobo esfaimado  
que atemorisa  
horrorisa  
o mais pintado.

Só o nauta afoito e rijo  
pensa domal-o  
Subjugal-o  
com seus nervos de homem forte

Afinal é sempre a morte  
que procura  
—que iocura!—  
quando pensa dominal-o.

A sua furia indomita  
tudo destroe  
e corroe,  
quer seja pedra ou pau.

Nenhuma nau  
se aguenta  
na tormenta  
quando o amor desencadeia  
sua furia mal contida  
e a vida  
do nauta  
anda sempre á mercê sua.

O mar é lobo esfaimado  
endiabrado  
que atemorisa  
horrorisa  
o mais pintado

Aveiro 5 julho 1932

Fernão Pires

## Secção das lagrimas

Lagrimas, gotas de pranto  
Suaves pétalas da dôr;  
De tristes tem seu encanto  
E são os frutos do amor.

O sofrimento se acalma.  
Quando regado por elas:  
Os lamentos saem d'alma  
Pelos olhos, as janelas.

As puras lagrimas dão  
Pedacos da nossa vida:  
Agua benta do perdão.  
Meigo adeus na despedida.

O' lagrima, pura e bela,  
Que suavizais tanta pena,  
Causa-vos d'alma a procela  
E por vós a alma serena!

Sois do pezar o dialecto,  
Que eu nossos olhos se espelha,  
Expressão cheia d'afecto,  
Do coração a centelha;

E nesta vida d'abrolhos.  
Se a comoção nos sacode.  
Vêm as lagrimas aos olhos,  
Que a boca dizer não póde...

Mota Cabral

## Sonho

(INEDITO)

Julguei beijar, terna creança,  
o teu cabelo negro e perfumado,  
mas oh, desilusão de apaixonado;  
desvaneceu-se-me essa doce esp'rança.

Guardo, de ti, a mais grata lembrança  
dessa ventura.—Deus seja louvado!—  
Como jamais alguém haja lembrado  
e se alberga em mim, com perseverança.

Julguei seres minha, oh terno devaneio,  
beijar-te os olhos e o arfante seio  
e êsses lindos labios de setim...

Realidade?... Sônhos?... Muito embora  
eu vá sonhando pela vida fóra,  
jámais esquecerei o que és p'ra mim!...

JOÃO SALGUEIRO COSTA.

## SONETO

AO JAIME LIMA.

Adormece-me com o teu sorriso,  
Embala-me com êsse teu olhar;  
Com tuas mãos feitinhas de luar  
Acaricia-me como idealiso;

No teu regaço, como, assim, num friso,  
Deixa a minha cabeça repousar;  
E não me acordes não, deixa sonhar,  
Dá-me a ilusão de estar no paraíso.

Porque a vida, ó meu grande amor, é linda  
Quando tristezas não se lhe anteponham!  
E podia bem sê-lo mais ainda...

Bastava sò que quando assim sonhassem  
As nossas almas, como agora sonham,  
Nunca mais, nunca mais as despertassem.

Antonio de Oliveira.

## ESPIRAL

Avante, é o lêma eterno da anciedade  
que a tudo quanto existe impele e agita;  
com que em ondas o mar se precipita,  
e o vendaval transpõe a imensidade!

Haverá lei de tanta crueldade  
que o repouso condene, ou não permita,  
aos atomos da aboboda infinita  
e aos pobres corações na humildade?...

Sempre uns e outros, como que saudosos  
de ignôta paz, vão procurando anciosos  
um ponto fixo, que anteveem, distante...

mas o ponto caminha, e por seu turno,  
obedece passivo e taciturno  
á mesma lei que lhe repete—ávantee...

Branca de Gonta Colaço.



# NOTICIAS DA NOSSA TERRA



**ESTADAS**

Vindo de Espinho, onde é industrial de panificação, esteve em Cacia, vezilando sua família, o nosso assinante sr. Minuel Nunes da Silva.

Egualmente veio da Figueira da Fóz, onde está empregado, a passar o domingo p. p. em companhia de todos os seus, o nosso conterrâneo sr. David Euzébio Pereira.

Vindo de Espinho onde é industrial, esteve no domingo p. p. em Cacia o nosso assinante sr. José M. da S. Matos. A quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Vindo de Oliveira de Azeméis, onde é grande industrial de panificação há muitos anos, encontra-se na Quinta e acompanhado com sua esposa e filhinhos o nosso particular amigo e assinante sr. Manuel Lourenço, a quem apresentamos as nossas boas vindas.

Já se encontra, a passar a estação calmosa, e vindo de Lisboa na sua linda vivenda junto ao arvoredo, na companhia de sua esposa e filha, o nosso conterrâneo e assinante sr. Serufo Simões Peixinho.

O nosso cartão de boas vindas. Também está em Taboeira com toda a sua família a passar estes dois mezes, vindo de Lisboa, onde é grande proprietário de panificação, o sr. João Nunes Crespo.

Aqui felicitamos o nosso assinante.

Vindo de Coimbra, está na Quinta a passar algum tempo a esposa e filhos do nosso amigo sr. Antonio Rodrigues Lourenço a sr.ª Alice Dias de Pinho.

**NOS «ECOS DE CACIA»**

Estiveram em nossa redacção no domingo proximo p. os nossos assinantes srs. Cipriano da Silva Almeida, Luiz Valente, Antonio Macedo da Cunha José Maria Gonçalves Faria, Manuel Maria Marques.

**RETIRADAS**

Com destino ao Entroncamento retirou-se no dia 27, o nosso amigo e assinante, sr. Manuel Maria Marques, onde é empregado da Panificação.

Desejamos que tivesse tido uma feliz viagem.

**De Mataduchos e Alunheira**

**VARIAS NOTICIAS**

**NECROLOGIA**

Com a bonita idade de 76 anos, e depois d'um prolongado sofrimento, succumbia na casa de sua residencia, ás 23 horas, da noite de 23 a S.ª D. Joana Caixas S.ª, esposa do Sr. Manuel Gonçalves Salão.

O funeral effectou-se no dia seguinte para o cemiterio de Espinho, tendo-se incorporado 3 missas d'antes e foi muito concorrido por muitas pessoas amigas e de suas relações.

Sobre o ataúde vieram-se 3 lindas coroadas de flores artificiais com as seguintes inscriçõs:

Ultimo adeus de teu Esposo.  
Eterna recordação de seus Enteados.

Perpetua saudade de seu sobrinho José Dias dos Santos.

A desventurada Senhora ficou na sepultura N.º 148.

P. z a sua alma.

A familia entulada apresentamos sentidas condolencias.

**ANOS**

Faz anos no dia 1 em Lisboa o Sr. Antonio Morais ao qual enviamos parabens.

**ESTADA**

Vindo de Alcobaca esteve nesta tendo já retirado o Sr. Bento Marques Vieira.

(MULHER QUE MATA E COME UM FIMHO).

**DOS JORNAIS DA CAPITAL**

Paris 21.—Informam de Budapeste, que, na aldeia de Meckoltem, acaba de se descobrir um

crime horrivel. Uma camponesa, de 30 anos de idade, Ethel Korniyha Mossolygo, depois de dar á luz, eitou o cadaver em pedacos, cozeu-os e comeu-os!

Captura pela Policia confessor o crime; não manifestando o minimo arrependimento e declarando que nunca tinha comido coisa tão saborosa.

Na aldeia onde habitava, esta mulher tinha já a reputação de ser um verdadeiro monstro. As suas aventuras amorosas eram o perpetuo escandalo da terra.

Pessui vivos cinco filhos.

Correspondente.

**Noticias de Angeja**

**FALECIMENTO**

Faleceu no dia 22 nesta freguesia, o sr. Antonio Augusto de Souza, com 26 anos de idade.

O seu funeral que foi no dia seguinte foi de um verdadeiro pesar incorporando-se no prestimo muitas pessoas de varias categorias, o falecido deixa viuva e filhos na afandade.

A tôta a familia dorida enviamos-lhes os nossos mais sentidos pesames.

**CHEGADAS**

Encontra-se entre nós vindo de Lisboa na perterita semana a passar as festas da nossa Santa Padroeira na sua vivenda o sr. Felipe Estarreja, com sua estremosa esposa.

Desejamos-lhe que tivesse tido uma feliz viagem.

Tambem chegou de Lisboa, o qual se encontra na casa de seus pais, o nosso bom amigo e conterraneo, sr. João Nogueira de Pinho, com seu mado sr. Au-

**Carta —DE— Avanca**

**FOOT-BALL**

Deslucou-se no Domingo a Murtosa, a associação academica football Avancaense, que ali jogaram contra a associação infantil Murtuense, tendo sido os primeiros vencidos por 2 a 0. Pois já era de esperar que estes fossem vencidos, visto que são 11 crianças contra 11 homens de borba na cara e de uma istatura brutal que cada um dos Murtuenses equivalia por dois Avancaenses, e estes temendo-se da fortalidade do seu adeveçario e a brutalidade como jogavão não conseguiram marcar goal.

**PIQUENIQUE**

Teve lugar no Domingo p. p. um piquenique em fontela que correu as mil maravilhas e com grande animação, tendo alguns dos cavalheiros que nele tomariam parte, uzado da palavra antes e depois, fazendo elegantes discursos, brindando-se e dando urras a bela sociedade, tendo tomado parte neste os seguintes srs. Avenilde Belo, Antonio Matos, João de Carvalho, Americo Guimarães, Sarafim Rocha, Domingos P. Almeida, Raimundo T. Almeida, Francisco Leite, Julio Jorge Teixeira, José Valente Costa.

Tendo como esendeiro e moço dos recados, Manuel Ferreiro.

**PASSEIO MARITIMO**

Os srs. Angelo de Pinho e seu intimo amigo José Augusto tentaram ir dar um passeio de bateira a nossa ria no referido domingo, mas em virtude da grande nortada viram-se em perigo, tendo-se salvo encotando a bateira á bala e vindo a pe rebucandoa, pois se assim o não fizece, terião ido ao charco.

Correspondente.

**S.ª Maria Madalena em Taboeira**

Tiveram lugar como aqui o dissemos, no domingo p. p. em Taboeira os grandes festejos á Santa padroeira d'aquelle logar o que segundo informações foi uma festa rija, á qual nós por casos de força maior foi-nos impossivel pder ali ir. O que esperarmos que o nosso solícito correspondente nos dê as informações detalhadas, para assim nós informarmos os nossos leitores com mais firmeza. Aos quais ped mos desculpa, da nossa falta que é involuntaria.

tomo Nogueira de Pinho.

Que fossim bem vindos são os nossos desjos.

**CASAMENTO**

Está para breve o enlace matrimonial da sr.ª Elidia Nogueira Souto.

Com antecedeneiu enviamos-lhes os nossos parabens.

**RETIRADAS**

Retirou-se no dia 26 com destino a Bragançao nosso amigo sr. Alexandre Nunes de Pinho.

Ao nosso particular amigo, desejamoslhe uma feliz viagem.

**Mais um ano**

Acaba de entrar no 3.º ano de publicação o «Ecos de Cacia» a quem nós apresentamos os nossos cumprimentos.

Correspondente.

**De Ovar**

Como tinha prometido dou hoje (se bem que um pouco retardada) a noticia referente á comunhão das crianças em Ovar.

Foi uma festa que teve um anno de brilhantismo pois se o numero de crianças era de 300 e tantas, e por isso concorresse bastante para que a procição fosse muito brilhante tambem a Banda Ovarense se portou á altura dos seus credits pois se pode com justiça considerar uma das melhores do Distrito principalmente para musica sacra e canto coral.

—Em Valega no passado dia 17 do corrente houve festa religiosa em honra do Santissimo Sacramento.

—No dia 24 tambem festa religiosa ao Sagrado Coração de Jesus.

—Fêz em Valega no dia 18 do corrente, anos a menina Maria Augusta Mãia Corujo dileta filha da Sr.ª Maria da Conceição Mãia.

—Em Tribunal coletivo foi julgado no dia 12 no Tribunal judicial desta Comarca, Armando d'Almeida Ramos que já 16 meses se encontrava sobre prisão na cadeia desta villa pelo crime de estupro.

Ficou condenado em alguns anos de prisão, pena que caducou com o casamento com a ofendida.

—Tambem no dia 13 no mesmo tribunal respondeu pelo crime de roubo por assalto á habitação alhela o sr. Domingos d'Oliveira Martins que ficou condenado em 18 meses de prisão correccional.

Ovar 26 de Julho de 1932

A. A. Pinho.

**Pela Figueira da Fóz**

Echeu nos de profunda magoa a morte do nosso amigo Fernando de Sousa Borges, victimado por uma grave doença que há muito o mirrava.

O amigo Fernando faleceu no Hospital da Misericordia, para onde tinha entrado havia poucos dias, e apesar de tôtos os cuidados que lhe eram dispensados não foi possivel á ciencia salvarlo de morrer tão cedo, pois apenas contava 28 anos.

Lamentamos sinceramente o passamento do pobre rapaz, que tão cedo deixou o convívio da familia e dos seus numerosos amigos.

A numerosa familia, especialmente a seu irmão, o nosso amigo sr. José Carlos de Sousa Borges, apresenta a expressão sincera do meu profundo pesar.

O seu funeral, realizado hoje constituiu uma sentida manifestação de de pesar.

Que descanse em paz o saudoso Fernando, que deixou fundas saudades em tôdos que com ele conviviam.

Figueira dá Fóz 22-7-932.

J. Corréa de Matos.

**CAO**

Desapateceu um cão perdido, que dá pelo nome de nótte, cor de café, cauda cortada.

Pede-se para entrega-lo, ou avisar na Farmacia Lusitana em Cacia de Abilio de Carvalho, onde se paga toda a despez. Procedendo-se contra quem o retiver.

**Novo Colaborador do «Ecos de Cacia»**

Principia hoje a dar-nos a honra da sua colaboração artistica como caricaturista, o sr. Amilcar Torres, filho do saudoso republicano sr. Bernardo de Souza Torres.

É um caricaturista de muito mérito, e com a sua colaboração, o «Ecos» só tem que se dar os emboras. É um amigo com quem sempre contamos de hoje em deante.

**Para o Minhos**

A uzo das aguas de Melgaço, encontra-se ali, vindo de Lisboa onde é industrial de panificação, e acompanhando com sua esposa, o nosso conterrâneo, e amigo do «Ecos» o sr. Manuel Simões Peixinho.

Segundo nos dizem, o nosso assinante, virá no regresso de Melgaço, fazer uma vizita a todos os seus familiares aqui residentes.

Que seja bem vindo.

**O Aniversario do «Ecos de Cacia»**

Com este numero, passa o aniversario do «Ecos», defensor acérrimo dos interesses da sua região, tem mostrado bem a dedicação que sente pela prosperidade da linda terra portugueza banhada pelo Vouga «Cacia».

Apesar do «Ecos» ainda ter inimigos, inimigos êsses antibairristas, eu faço votos para que seguiu sempre como tem seguido até hoje. Ao meu amigo Sr. José Marques Damião, director do «Ecos» apresento as minhas felicitações.

Alvaro Pinto de Souza.



**Os cães... do «Ecos»**

Tambem tem, e não são poucos os seus cães o «Ecos de Cacia». Pois vamos arranjar aqui uma gaiola para os meter.

Os cães virão para aqui, e cá ficarão engaiolados, para que o publico os possa admirar e coithecer.

A secção Cães... do Ecos vai ser inaugurada brevemente, e nela figurarão os nomes daqueles que gostam de receber e ler de borla e a cão, o nosso jornal, sem que tenhamos devido respeito pelos direitos alheios.

ANUNCIAI NO «ECOS»



**Agencia Funeraria**

DE  
**Antônio Marques da Cunha**



Tem sempre no seu depósito de Cacia UMA GRANDE VARIÉDADA DE URNAS EM MOGNO E CASTANHO VELHO. CHUMBO para soldaduras que executa com toda a rapidez e perfeição.  
CAIXÕES DOS MAIS MODESTOS AOS DE MAIOR LUXO ALUGA salvas, toalhas, cêra, castiçais e COROAS para todos os preços e vende novas.

Rua Conselheiro Nunes da Silva, CACIA

**Manuel Correia Vidinha**

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—Miudezas e louças de todas as qualidades—Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da Republica (em frente ao chafariz—Angeja

**FARMÁCIA LUSITANA**  
DE

**ABÍLIO DE CARVALHO**

ESPECIALIDADES  
nacionais

PRODUCTOS  
químicos

ESTRANGEIRAS

FARMACEUTICOS

R. Conselheiro Nunes da Silva

CACIA

**Restaurant Floresta**

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

A «Ginginha de Lisboa» tambem aqui se vende sendo

por excellencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a GRIPE

Joaquim Simões Birrento

LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

**Corôas e urnas funerárias**

Ninguém compre sem ver os baixos preços do maior e mais antigo depósito de URNAS do aistricto.

Só vende BARATO  
a Casa Leitão  
de Estarreja

de fazendas, chales, cazemiras, sedas, modas, artigos de bordar, figurinos, sombrinhas, calçado, gramafones e discos, etc.

Comprim-se natas de Leite pelo preço mais alto do mercado

Maquina de Gêlo e Camara Frigorifica, Forneimento de gelo a \$50 centavos o quilo; leite e mantigas, fabricadas pelos processos mais modernos.

Fabrica e Lactifícios de Avanca, L. da

Avanca

**VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO**

Este medicamento absolutamente inofensivo, que em crianças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Preparador e depositário:  
Farmácia Lusitana  
CACIA

Mariana Pinto de Souza

Merccaria, fazendas e completo sortido

de vinhos finos.

Praça da Republica--Estarreja

Na TIPOGRAFIA CACIENSE executam-se todos os trabalhos concernentes à Arte Gráfica.

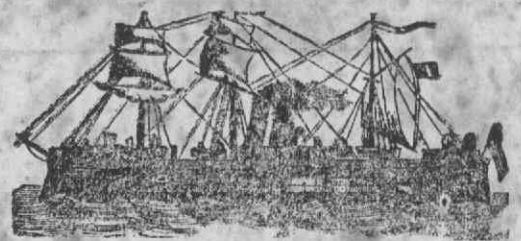
To do o nosso conterrâneo residente em Lisboa que desejar a publicação de alguma coisa no nosso jornal queira dirigir-se ao Bêco dos Clérigos, n.º 1.

Vago

**AGENCIA COSTA**

suabessa

Passaportes



Praça - Estarreja

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de toda a documentação legal para estes portos.

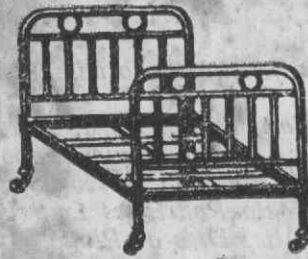
Responde-se a toda a correspondencia.

Prontidão, Seriedade e Economia

A «Construtora» de Móveis de Ferro de Avanca

— DE —

João António S. Borges



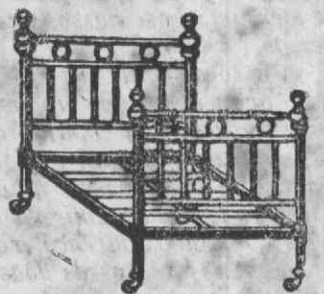
Grande produção de móveis de ferro

Fornecimento para todos os pontos do país, aos melhores preços do mercado.

Fabrico solido e perfeito.

Se querem ser bem servidos e servirem bem os vossos clientes não comprem sem verificar o meu fabrico

Consultem preços.



**A ZULEJOS**

Azulejos artisticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fiéis de: monumentos, assuntos históricos, paisagens, fotografias, etc.

**FABRICA**

— DA —

**FONTE NOVA**

— DE —

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

(Firma registada)

AVEIRO

PORTUGAL

Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922 (Casa Fundada em 1882)

**Fábrica Portuguesa de Tin'as de Impressão, Lda.**

Escritório e Fábrica: Rua da Pasteleira, 240 (Lordelo do Ouro) — Pôrto

TINTAS TYPO - LITOGRAFIAS E INDUSTRIAIS

Esmalte «Apollo»

O melhor que se fabrica no País

ESPECIALIZADA EM TINTAS PARA Traineiras e Navios

ALVAIADES, SECANTES LIQUIDOS E VERNIZES

O ECOS DE CACIA é impresso com as afamadas tintas desta casa que se recomendam pela sua boa qualidade.